

PAIXÃO PERIGOSA: VITÓRIA E DERROTA

ALMEIDA PEREIRA, Deyliane Aparecida¹

Resumo

O interesse e a ideologia na busca pela vitória no Esporte fazem do torcedor, do espectador e do ativista precursores dos mais variados comportamentos humanos. O objetivo aqui é refletir sobre o fenômeno esportivo como uma emoção perigosa, aquela que induz indivíduos e grupos ao risco de morte. Consideramos que a emoção levada ao extremo pode ser violenta na movimentação da massa humana na excitação da vitória. Através das referências literais de ARENDT, ELIAS e BUFFORD analisaremos a construção epistemológica do termo “VIOLÊNCIA” para o entendimento das emoções perigosas que rondam o esporte, principalmente o futebol brasileiro.

Palavras Chaves: Futebol, Paixão, Violência.

Paixão Perigosa

Paixão é uma convenção perfeita que evoca metamorfoses da mitologia e, mais ainda, a mágica da transformação moral e social dos personagens. Mas embora muito contraditória esta conversão não resiste ao incontestável poder de persuasão sobre o público habituado a ver o cinema, a mídia e a literatura propor-lhe incessantemente redensões milagrosas. Parece ser inevitável não ver no esporte esta perspectiva de redenção e transformação do caráter humano. Do mesmo modo que a noção normativa e estereotipada do comportamento permite introduzir simplificações úteis no caos dos instintos sexuais em estado bruto, a regra do jogo esportivo intervém para entregar o controle da necessidade de violência às mãos dos representantes da ortodoxia.

O que acrescentamos é que os códigos sociais acondicionados e comentados pela mídia ganham poder de regulação e auto-controle diminuindo a violência física e sexual. Entre 1950 a 1980, neste período a censura, tanto social, psíquica e moral tendem conscientizar a sociedade para o controle super-intensivo da violência sexual. As configurações das emoções, a formalização e informalização da comunicação em redes webs acabam por disseminar as emoções perigosas em forma de violência física e sexual – ou seja – os medos íntimos vem a tona socialmente. A consciência rígida e autoritária, as boas maneiras e cortenização dos grandes centros de boas sociedades do século XIX acabam por camuflar estas emoções perigosas por meio de uma postura social de auto-coerção pública mutuamente esperada tornando parte da consciência pessoal como força disciplinar de mercado – toda transação de mercado depende da moralização, da reputação e celebram a regulação social no contrato da transação.

A reputação por uma moral sólida, auto-disciplinada é o suporte para as mudanças de atitudes comportamentais e condutas onde a auto-regulação exclui os indesejáveis. As regras de ouro das boas maneiras: fazer aos outros como você quer que seja feito para você. O ponto central é que se tinha os conhecimentos e a prática das boas maneiras mas não tinha a moral. Nesta época escritores em suas obras aclamam as morais fortemente para os homens jovens, principalmente quando entra em foco a vida

¹ UFV – DES – deyliane_245@ufv.br . Orientanda Dra. KOWALSKI, Marizabel – UFV – belkowski@ufv.br – PIBIC/2008 a 2009. Grupo de Estudo para a Construção das Condutas Atléticoas – GECCAS – UFV/DES. Profa. Adjunta vinculada ao Programa de Pós-Graduação UFV.

sexual – efeitos perigosos da fantasia – deixando-se levar pelas emoções e impulsos – podendo acabar em violência física e sexual cuja fraqueza seriam os vícios devastadores das paixões.

Esse tipo de pressão moral levou com que as regras de conduta e boas maneiras tornassem-se muito mais rígidas. Na era vitoriana, século XIX, chegou o auge da consciência sobre o controle moral da conduta sexual e a violência física com a castidade feminina e selibatismo masculino de exigência religiosa. Entre 1880 a 1910 a domesticação da natureza anteriormente inexplorada e agora apreciada que mais foram conduzidas nas caçadas em suas formas bestiais de demonstração de masculinidade na destruição tanto da natureza animal quanto humana. Final do século XIX e primeira década do XX ocorre um maior adestramento do medo sociogênico demonstrado e provocado pelas situações sócio-políticas condena-se o indivíduo ao descer a ladeira da moral e bons costumes quando os livros de boas maneiras trazem o controle do comportamento na vida privada das famílias. Entretanto, na cumplicidade doméstica a coerção privada é maior do que em outros tempos no enclausuramento dos moralismos familiares. Podemos nos ater em Michel Onfray e a “Razão Gulosa” no trato da alimentação esparsa no interior dos lares e o comportamento restritivo a público. Thorstein Veblen na Teoria da Classe Ociosa vê na condição da mulher dentro deste lar referenciando a esposa como a “única chefe e a primeira empregada”.

As competições por status social através dos tempos, tornaram-se primordialmente mais suaves e descontraídas nos processos de emancipação do feminino. Os comportamentos foram uniformizados, protegidos socialmente e condicionados nas condições dos usos e costumes disseminados pelo discurso da mídia e da literatura. Muitas vezes, pensamos que as pessoas poderiam ser mais livres e deixar que as outras o sejam também. Os modelos, os paradigmas e os padrões são críticas estabelecidas para atingir com constrangimentos de uma sociedade permissiva na qual comete um crime estando fora do padrão. Nesta sociedade estamos acostumados a julgar uns aos outros (umas as outras) quando os critérios estabelecidos são fundamentados para o sócio-controle e, muitas vezes, a informalização ativa nesta sociedade faz com que tomamos por estabelecer controles subjetivos – etiquetas estritas e restritas – quando o auto-controle da consciência nem sempre existe.

Condutas subjetivas – into group and out group – algumas características são mais desejadas do que outras – prestígio – sentimento, busca, desejo, paixão, out control, ou seja, temos mais restrições sócio-culturais que está por trás do corpo do que por dentro da roupa que diferenciam o século XIX, XX do XIX. Se para os adeptos das boas maneiras do século XIX uma roupa solta era frouxidão das morais e bons costumes, nem o espartilho deu um jeito nisso, o controle das emoções no século XX trouxe a vergonha e o medo sociogênico da rejeição quando as pessoas deixaram de ser livres de suas riquezas mais profundas, envergonhando-se de outros tantos prazeres para constranger-se na disseminação das paixões. Paixão, sentimento, comportamento e conduta que não se explica sob controle. Logo que se manifesta um motor social de alguma potência, é rodeado de homens engenhosos que experimentam meios de fazer funcionar para os maiores interesses da coletividade. Assiste-se então a elaboração de um mito, onde as forças explosivas produzidas por um desequilíbrio social no estado agudo são transfiguradas por ilusões lisongeiras e não tranquilizantes – as paixões.

Para Kowalski (2001)

Isto significa uma inegável mudança no modo de viver as relações sociais.
Todos os pontos a partir dos quais a modernidade as concebera, indivíduo,

identidade, organização contratuais, atitude projetiva dão lugar a uma outra realidade muito mais sensível e emocional, de contornos pouco definidos no ambiente evanescente. É o que leva a propor uma mudança de perspectiva epistemológica que, utilizando noções de pluralismo, tribo, atração, participação, queremos atrair a atenção para as afinidades eletivas de modo que, empiricamente, inúmeros são os casos de experiências que estão aí para nos lembrar que o pertencer a uma comunidade, a busca de uma proximidade fusional, os processos de imitação, o contágio afetivo, retornam com força na vida pública. O ressurgimento dos movimentos carismáticos, o fanatismo religioso, o fundamentalismo islâmico, a embriaguez musical, os encontros esportivos, para citar alguns desses fenômenos, colocam a tônica na prevalência de uma religiosidade onde o todo prevalece sobre as diferentes partes que o compõem. Isso não acontece sem lembrar a sensibilidade barroca, como tradição reinventada, que justamente colocará a tônica na instabilidade, na mobilidade, na metamorfose dos diversos elementos que compõem um dado conjunto (pictural, arquitetural, escultural da sociedade). Esse barroco não está mais, atualmente, acantonado à arte stricto sensu, mas antes determina um ambiente específico feito de religiosidade e de fusão no todo. É isso que pode incitar a ver a lógica da identidade substituída por uma lógica da identificação da tradição em vias de (re)elaboração. (Kowalski, 2001.P.326)²

O que a autora afirma é que de modo mais ou menos nítido, a sociabilidade contemporânea é tomada por um verdadeiro transe onde, num movimento sem fim, circulam as aparências (look), as pertinências, as diversas personalidades sincretistas e a multiplicidade das culturas que a trabalham no corpo. Isso pode ser visto em maior escala, nos carnavais, nas ocasiões festivas, nos concertos musicais, nas assistências de futebol e em outras danças lascivas que, pontualmente, explodem na atualidade e sublimam a implosão de um social dominado pela racionalidade. Essa racionalidade também é encontrada em menor escala na vida cotidiana, cada vez mais dominada pela imagem, pelo sensualismo, pelo espiritual, pelo desejo de viver, aqui e agora, os prazeres do presente.

O esporte apresenta-se para a sociologia em estado bruto – não podemos separar a visão de conjunto dos seus detalhes. O que propomos são perspectivas argumentativas que nos remetem a analogia de se pensar o esporte e sua eficácia social como fenômeno cultural e suas especificidades ao mesmo tempo. Sabemos que o conhecimento sociológico se impõe pela originalidade dos fatos significativos analisados em seus diversos pontos de vista, mesmo que subjetivos, de escritores e artistas que concederam ao esporte um lugar universal de prontidão, cujo significado vai do extremo da força imaterial a fraqueza fatal – em um tempo insignificante, passa da “panacéia ao ópio do povo”. O que podemos afirmar que não importa os escritores, historiadores, romancistas, poetas já citados em outros ensaios, o fato é que o esporte permanece em um estado acessório de ocasiões para expor e ilustrar as suas idéias de identidades nacionais como o bem, o belo, a natureza do homem, seus vícios e suas virtudes. O esporte é sujeito e objeto no processo de observação.

Os representantes do mundo esportivo, atletas e dirigentes, respondem com insolência e irritação ao desdém do mundo intelectual no século XXI, que não se recusa a tomar consciência de um fato de civilização visível como o esporte. Não condenaremos a priori o seu mérito no presente em nome do passado. Doutrinado e

² Kowalski, B. Por quê Flamengo? Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UGF, 2001.

catequizado muito de cima, comparado a personagem lendária e heróica da história humana o esportista apresenta freqüentemente aos seus espectadores uma fronte obstinada e o sorriso de um cabulador alegre. São homens em oposição – faustianos e apolíneos – de hábitos que apreciam muito seus discursos elogiosos e cerimônias de distribuição de prêmios. É precisamente na imprensa, na mídia que o esportista manifesta sua presença mais indiscreta. Esta forma degradada do culto ao herói contribui, sem dúvida alguma para manter o esporte numa condição de eterno menor. Os profissionais do esporte esperam, após cada partida competitiva, cada luta, cada corrida, a sua porção de elogios e críticas e medem a solidez da sua situação pelas homenagens que lhes são concedidas da mesma forma que os atores de cinema ou as estrelas das canções.

A atração exercida pelo esporte é uma modificação do instinto pela cultura. Na medida em que o esporte se manifesta em seus aportes mais profundos de sua representação social se coloca como reivindicação do instinto agonial humano. Nesta perspectiva argumentativa, é possível, pelo estudo das “condutas” do esportista, empreender um esboço que fora proposto por Thorstein Veblen na *Theory of the Leisure Class*, em 1917, onde o esporte é representado como um meio de desrecaleque comparável à guerra. Dois elementos podem ser acoplados a teoria de Veblen - de um lado tem-se as necessidades profundas próximas do impulso instintivo e de outro o preceito cultural, poderosamente afirmado pela classe ou outra autoridade, o mais seguro meio de recuperação do primeiro pela cultura é precisamente o jogo competitivo organizado – o esporte.

Consideremos uma terceira instância para compor esta lista célebre de preposições contraditórias – o individualismo, a sobrevivência dos mais aptos, é uma lei da natureza, mas nenhum homem vive para si só. O problema inserido aqui nada é mais do que o darwinismo social – a conciliação do instinto agonístico e da necessidade de fraternidade aparece na maior parte das narrativas do esporte. Mas trata-se então da conduta imposta para o jogador/atleta. O esporte de equipe permite-lhe lutar/jogar com o adversário por todos os meios dispostos que as regras do jogo permitem e subsidiadas pelo contexto não punitivo da sociedade, utilizando os limites possíveis do permitido que esta mesma sociedade lhe proíbe – a violência e a brutalidade, a estratégia, o ardil, a intimidação e nos extremos condutas humilhantes. O jogador de equipe sente-se justificado pelo pensamento de que trava um combate não egoísta, o bom combate é – pelos seus, pelo seu clube e pelas suas cores, pelo seu país, pela sua nação e bandeira que ele leva a agressividade até os últimos limites fixados pelas regras do jogo esportivo.

Para Mandell a invenção do rugby pelos ingleses e a do futebol americano, esportes coletivos onde o máximo de violência permitida é acompanhado pelo extremo rigor nas regras, reflete o poder do conflito nos anglo-saxões – a grande exuberância física e um extinto gregário igualmente exigente. Os estudos das transformações no futebol dos Estados Unidos e Inglaterra, Elias, Eric Dunning, Denney e Riesman, notaram originalmente que os americanos temiam estas brutalidades excessivas, mas ao mesmo tempo encontravam prazer nelas, e que por conseqüência sentiam uma grande dificuldade em reconhecer o sentido das violências exteriores aos campos esportivos. Após a intervenção do presidente americano, Roosevelt em 1905, a tática e a técnica desenvolveram e aperfeiçoaram o passe e a velocidade do jogo, conseqüentemente diminuindo os acidentes graves e muitos deles mortais, cuja

necessidade foi definir; limitar e submeter à convenções o simbolismo da violência nos esportes.

Como expressa Kowalski (2001)

A frase do dia de um Flamengo: Há mortes tão coerentes e harmoniosas que parecem escolhidas como se escolhe um modo de viver. É na descrição dessa complexidade que retomamos o termo orgânico ou organicidade, a saber, aquilo que mantém juntos elementos contrários, até opostos. Assim, o objetivo dessa análise se volta à sinergia ou, às vezes, a simples conjunções observáveis: por um lado, a comunidade carioca em forma de tribos com suas preocupações territoriais, a atenção à natureza, a religiosidade e o prazer dos sentidos e, por outro lado, o desenvolvimento tecnológico e sua utilização, o pluriculturalismo das grandes cidades, a atividade comunicacional e os diversos sincretismos religiosos e ideológicos. Um processo feito de atrações, repulsões, emoções e paixões. Coisas que possuem uma forte carga estética, uma sutil alquimia das afinidades eletivas descritas pelos autores que se transportam para a ordem do irreal, cuja simpatia universal pelo Flamengo reforça a empatia com o ambiente social. Isto pode parecer abstrato, entretanto, várias atitudes associativas da divisão do trabalho, pequenas sociabilidades de vizinhanças ou de encargos no quadro das proximidades são compreensíveis. Acontece o mesmo com a constituição de grupos das pequenas comunidades eletivas, bem como das culturas de empresa ou outras formas de espírito doméstico que, em todos os domínios, se desenvolvem de um modo mais efêmero. (Kowalski, 2001.P.336)

A rápida inserção dos impulsos agonais no esporte, a necessidade de auto afirmação por via competitiva continua sendo a dominante rotina da cultura ocidental. O indivíduo está cada vez mais impregnado disso, quase sempre sem saber, mesmo no momento em que os meios para satisfazê-la se tornam mais escasso. Quando é demasiado intenso o desequilíbrio entre o fim e os meios, a violência surge como único recurso. Entre os numerosos filmes consagrados aos boxeadores, como por exemplo, a série Rocky I,II,III,IV, que tem o duplo mérito de narrar a história verdadeira do campeão do mundo Rocky Graziano e, de desenvolver perante nós a fórmula pela qual a ideologia americana converte a violência no estado selvagem do “atleta” numa violência ajuizada, canalizada, regulamentada: a do esporte de combate³.

O cinema, a mídia e a literatura, jornalistas sempre tiraram os seus efeitos mais brutais e mais imperiosos do espetáculo da violência esportiva. Em Garota de Ouro, o mito do bom esportista, virtuoso, recompensado pela vitória, vem a propósito assegurar a difusão dos apolíneos e dionisíacos e quando usados até a lona, os faustianos entram em cena, esses cavaleiros apocalípticos dos tempos modernos, que fazem triunfar o poder da força, invariavelmente conjugado da sua aptidão para o boxe e da sedução que não tinham ao público, acabam por remeter ao esporte um outro sentido – a quebra do

³ Teoricamente, tão lógico e racional quanto a captação de energia de uma torrente da montanha que no desenrolar do filme temos as seqüências educativas: 1º tempo – o jovem Graziano foi durante muito tempo surrado e aterrorizado por seu pai que era um boxeur fracassado; quando adolescente, vingava-se de seu pai batendo em todo homem que detém uma autoridade qualquer. Ele bate desvairadamente, com a vontade de matar. 2º tempo – ele continua batendo freneticamente, mas agora no ringue, segundo as regras. Além disso, compreendeu, graças as técnicas e táticas esportivas, que o seu verdadeiro inimigo não era o seu pai, mas os outros: os responsáveis pela injustiça social que impediu que seu pai tivesse sucesso. Em vez de matar simbolicamente o pai a cada luta, ele o vingava. O mesmo ódio que fazia dele um bandido perigoso armará doravante o braço de um cavaleiro justiceiro.

almálgama simbólico de justiça. A crítica não sublinhou suficientemente o significado desta desintegração do átomo simbólico representado no cinema pela noção de uma virtude que triunfava, rápida e indiscutivelmente, pela força brutal.

Na cena considerada, a vitória é de Meg (A Garota de Ouro) na sua sutileza e solidez da guerra contra a violência dos punhos: é uma vitória exclusivamente moral. Apesar de sua morte, ganha despeito no espetacular caráter de busca da aptidão física, sonho e realização empreendendo aos olhos do espectador a maneira incontestável de acabar com a violência nos esportes. Não é menos evidente que o herói já não é necessariamente o boxeador vitorioso. O esporte concebido como um jogo visando essencialmente a competição, oferece um meio lícito de reagir a fascinação da violência ou a disciplina esportiva está submetida a inferioridade da atração exercida pelo esporte violento? O que podemos referenciar aqui é que nas obras literárias e nos filmes que citamos, trava-se um conflito patológico ou sub-patológico da busca pela vitória esportiva que oferecem um interesse dramático evidente, mas cujo alcance social, mesmo tendo em conta o poder de fascínio que lhes asseguram os jornais especializados na exploração das pequenas notícias sensacionalistas, os chamados filmes de ação e a literatura de folhetim, permanece limitado e, em todo caso, difícil de medir a extensão de seu alcance com relação absorção pública.

Ainda não propusemos nenhuma definição do esporte. Existem muitas: lembremos que o inglês devolveu ao Francês a velha palavra *desport* – jogo, após ter-lhe modificado muito profundamente em seu uso e das quais a principal é ter restringido e precisado o sentido, reservando o plural – *sports*, aos jogos atléticos submetidos às regras estritas. Desta maneira poderemos sublinhar dois elementos que, na acepção atual do termo são de grande importância:

- 1º - o caráter público e no mais das vezes coletivo das manifestações esportivas;
- 2º - a noção de proeza física mensurável, portanto suscetível de dar ensejo a confrontos de resultados a recordes.

Assim sendo, é muito improvável hoje encorajar os atletas a pensarem que vieram ao estádio para se submeterem as máximas de Coubertin, afixadas por cima da tocha Olímpica que “O importante não é vencer e sim competir”, enquanto que, cada concorrente somente está ali para vencer. A finalidade acima assinalada estava, está presente na definição de esporte proposta por Pierre de Coubertin, que se preocupava, sobretudo, com a pedagogia: “ O culto voluntário e habitual do esforço muscular intensivo, apoiado no desejo de progresso e podendo ir até ao risco”. Não é possível incluir o menor esboço de juízo de valor numa definição destas sem falseá-la. O próprio Coubertin escrevia na sua *Pedagogia sportive*: “O educador é que deve dar ao esporte as suas regras morais”. Não está dentro deste propósito estudar particularmente esta espécie de orientação que se pode qualificar como distorção, mas simplesmente evidenciar os aspectos do esporte que podem transforma-lo como meio e parte da cultura, uma configuração de condutas aprendidas e um instrumento de ação, pensamentos e emoções que, embora sob controle social podem vir a dar significados culturais específicos à uma sociedade – ou seja – em todo lugar onde a regra se manifesta a cultura está presente.

Frequentemente, na imprensa em geral, mídia e nos discursos políticos, frases feitas como “o cadinho social” no esporte, ou o esporte “linguagem internacional” ou ainda, a máxima de Coubertin “ mens sana in corpore sano”, que traem uma tendência a mascarar a realidade do esporte pelo mito da esportividade. A reificação e as mistificações das relações sociais dos esportistas e dos espectadores, quase sempre não

organizados, nem conscientes de seu papel, prestam a aproximações desta natureza: as vociferações e as gesticulações desordenadas traduzem principalmente uma necessidade de emoções violentas exacerbando algum tipo de fundamentalismo e fanatismo, mas que caracterizaremos aqui como – emoções perigosas. Observamos que esta qualificada alienação faz com que espectadores comuns ao tornarem-se torcedores entrando ao estádio abandonam sua identidade e transformam-se em máquinas urrantes com sentido único – não esportistas mais afixionados. Em alguns países a influência destes indivíduos é de extrema necessidade que esportistas acreditam ser indispensável sua presença.

Quando referenciamos as torcidas acreditamos que este entusiasmo exprime-se espontaneamente pela chamada do “grito”, e atinge mais rápida e frequentemente um paroxismo impressionante. Outros estudiosos citam que quem consegue misturar a sua voz à voz das massas humanas densas, espessas, formigantes dos estádios, não tem nenhum meio de acesso aos significados do esporte – enganam-se todos, pois a catharse coletiva que os gregos apreciavam no teatro, (Huizinga, 1996.P.45), este canto selvagem, sem dúvida, mas também canto de saciedade e de libertação ultrapassando todas as reticências, todas as desconfianças e todas as irritações do cotidiano se elevam em nome do esporte.

Neste sentido, ELIAS⁴ tenta estabelecer o desenvolvimento e características que os esportes adquiriram, para inferir a expressão das mudanças do *habitus*. Para firmar sua teoria, descreve que no curso do século XX, as competições físicas, na forma altamente regulamentada como desporto, chegaram a assumir-se como representação simbólica da forma não violenta e não militar de competições entre Estados, e não deve esquecer de que o esporte foi, desde o início, e continua a ser, uma competição de esforços de seres humanos que exclui, tanto quanto possível, ações violentas que possam provocar agressões sérias nos competidores. O fato da escalada da tensão entre nações conduzir, no plano das competições esportivas, muitas vezes, os atletas participantes a agredirem-se devido ao excesso de esforços e ao uso de drogas, é uma característica do desenvolvimento atual, suas dimensões econômicas e de prestígio. Esta situação é um indicador do aumento da importância atribuída às proezas no esporte, compreendidas como símbolo do estatuto das nações. Quando isso se verifica, a pressão social exercida sobre as atividades esportivas de alta competição, no sentido do autocontrole, conduz estas a um nível que chega a levar o atleta a prejudicar a si mesmo, na medida em que tenta sobrepujar o adversário e evitar agredir os outros.

De fato, impera aí o fim de uma moral universal de adesão a não violência. O relativismo moral que se observa de um modo empírico, a eclosão de modos de vida alternativos, tudo isso não significa que não haja códigos específicos. Pode-se admitir que o que era marginalizado em um período difrata-se em uma multidão de marginalidades centrais por uma única questão de causalidade: a massificação das culturas, mas também porque todas as situações e práticas minúsculas constituem o terreno sobre o qual se elevam a invenção de novas tradições. Pode-se então afirmar que no futebol as aparências, os momentos festivos das comemorações, as deambulações diárias e os lazeres não podem mais ser considerados como elementos sem importância ou frívolos da vida social. Enquanto exprime emoções coletivas, constitui uma verdadeira centralidade subterrânea, um irreprimível querer viver. O estar-junto moral ou político, tal como prevalece na modernidade, não é senão a forma profana da

⁴ ELIAS. *A Busca de Excitação*

religião. A divindade não é mais uma entidade tipificada e unificada, ela se dissolve no conjunto coletivo para se tornar o divino social. É quando o mundo é dissolvido a si mesmo, quando vale o instante que vai acentuar o que liga ao outro, cuja tradição deste fato se afirma nas diversas situações sociais, nos modos de vida, nas experiências que são consideradas múltiplas expressões de um vitalismo poderoso e imortal. (Kowalski, 2001.P.341)

Em cada um desses casos, e ainda em muitos outros, parecem estar em confronto com um verdadeiro impulso instintivo que incita reunir por tudo e por qualquer coisa, importante apenas e afinal, o ambiente afetivo que cada um está imerso. É essa ligação de um grupo que a vitalidade serve de fundamento a uma forma específica de sociabilidade. Isso significa reconhecer a importância do imaterial, no próprio material. Eis que não deixa de ser prospectivo em um momento em que graças ao desenvolvimento tecnológico, a eficácia das imagens imateriais através da mídia e o corolário iconográfico dos escritores, poetas, cronistas, as próprias empresas de propaganda e marketing esportivo, dirigem seus esforços em direção aos investimentos imateriais, para se tornarem mais competitivos. Isto é comum nas sociedades complexas em construção e onde formiga uma multiplicidade de valores perfeitamente heterogêneos. Essas sociedades são evidentemente politeístas, mas não resta dúvida de que um ambiente específico as caracteriza. Elas segregam também um espírito de tempo particular, ou seja, sem ter uma unidade, não deixam de ter unicidade.

Referência Bibliográfica

ARENDT, H. The Human Condition. Chicago: University of Chicago Press. 1958.

BOURDIEU, P. Programa para uma Sociologia do Esporte. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1980.

DE GIOVANNI, GEBARA, PRONI. Dimensões Econômicas do Esporte no Brasil. Relatório Final. Pesquisa financiada pelo Ministério da Educação e do Desporto. UNICAMP. 1995.

ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador: formação do Estado e civilização. Vol.II. Rio de Janeiro: ZAHAR. 1993.

ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador: uma história dos costumes. Vol.I Rio de Janeiro: ZAHAR. 1990.

ELIAS, N. & DUNNING, E.. Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilizacion. México: Fondo del Cultura Económica. 1995.

GIL, J. Poder. In: Enciclopédia Eunandi: Estado e Guerra. Lisboa: Casa da Moeda. 1989.

HABERMAS. O Discurso Filosófico da Modernidade. Lisboa: Dom Quixote. 1990.

HELAL, Ronaldo. Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes.1997.

HOBBSBAUM, E.J. A Era dos Impérios: 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1992.

MARX, K. O Capital. Livro I. XIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.1980.

THOMPSON, E.P.. Trabalho, Educação e Prática Social: por uma teoria da formação humana.1993.

VEBLEN,T. A Teoria da Classe Ociosa. São Paulo: Abril Cultural.1980.

WEBER, Max. A Ética e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Pioneira.1967.

WEBER, Max. Metodologias da Ciências Sociais. Campinas:Cortez.1992.